

Dionísio, Mídia e Omulu: Deuses e Imaginários entre o Teatro e o Digital no Cenário Pandêmico¹

Rafael PEDRETTI²

Universidade Federal da Paraíba / Universidade Federal do Paraná

Hertz Wendell de CAMARGO³

Universidade Federal da Paraíba / Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O Teatro é uma arte secular que permeia o imaginário das civilizações. Manifesta-se na relação do corpo presente do ator/atriz e o público. Todavia, perante a situação pandêmica da COVID-19, a arte do corpo presente só pôde se manifestar pelo digital, é Dionísio devorado pela deusa Mídia, portanto, de antropofágica a mediação torna-se iconofágica. Por meio de entrevistas com artistas teatrais, evidenciamos suas crises, dificuldades e descobertas de um novo *modus operandi* do imaginário no processo criativo. O resultado é um panorama que ilustra algumas questões que se desdobram em um conflito do nosso tempo: antropofagia vs. iconofagia.

PALAVRAS-CHAVE:

teatro; digital; imaginário; antropofagia; iconofagia.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios das civilizações os Mitos e suas narrativas atravessam a existência dos seres humanos no mundo. Vivem em nós, com a gente, através de nós e sobre nós. Uma energia diáfana que integra e condiciona no ser humano sua existência física, o seu campo sensível, o seu imaginário e o reafirma no sagrado. Muitos são os deuses em diferentes Mitologias em tempos remotos das civilizações. A cada tempo e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Imaginário e Consumo, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, remoto, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGA-UFPR), membro do grupo de Estudos em Comunicação, Consumo e Sociedade (ECCOS). E-mail: rafapedretti@yahoo.com.br

³ Professor do PPGCOM-UFPR, pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGA-UFPB), líder do grupo de Estudos em Comunicação, Consumo e Sociedade (ECCOS). E-mail: hertzwendel@gmail.com

espaço, cada civilização possui seus próprios deuses e mitologias. Suas histórias eram narradas por Sacerdotes, Xamãs ou Sábios da comunidade, sejam em rituais específicos numa simples roda de conversa, cotidianamente. O encontro de corpos, banhados com as gesticulações e sonoridades da voz e das narrativas em metástase, um corpo contaminando outros corpos de imagens e imaginários.

Os Mitos criam o mundo? Ou o mundo criam os Mitos? Ou, é a coexistência das coisas que se retroalimentam? Uma coisa é certa: os Mitos exercem poder, e a cada dia necessitam de mais e mais adeptos que os cultuem, os sirvam, para que simplesmente não desapareçam na imensidão infinita do universo. E, naturalmente, as lutas e guerras se formam entre eles, onde o objetivo é a conquista dos humanos em subserviência, fé, ou até mesmo servidão aos Mitos. Uns deuses são mais bondosos, outros são muito cruéis.

Dionísio, deus grego das festas, do vinho e do Teatro que no século V a.c. era reverenciado através das dionisíacas. As dionisíacas eram um ritual antropofágico com sacrifício de animais, bebedeiras, festas, orgias, espetáculos teatrais trágicos e cômicos. Dionísio se afirmou em todos os tempos como o grande deus do Teatro, a arte ritualística do encontro de corpos. Na estrutura ritualística do Teatro Grego se encontrava um pequeno altar chamado de Timelê, onde um recipiente com fogo era colocado. Acreditava-se que enquanto o Timelê esteve aceso, o grande deus Dionísio estava presente. Muitas coisas mudaram no decorrer dos séculos. O desenvolvimento das tecnologias da Comunicação, obtiveram um forte atravessamento nessas mudanças.

A DEUSA DO NOSSO TEMPO: MÍDIA

E aqui, em nosso tempo, se encontra uma poderosa deusa. Uma deusa sagaz, cruel, parasitária, iconofágica e cada mais presente na vida dos seres humanos: Mídia. Neil Gayman, escritor britânico, personificou essa deusa em sua obra *Deuses Americanos* (2001). A deusa foi materializada e interpretada pela atriz Gillian Anderson numa produção seriada de 2017 com o mesmo título do livro. A série, distribuída mundialmente pela *Amazon Prime Vídeo*, foi aclamada pela crítica e indicada a diversos prêmios.

O Teatro é uma arte secular. Se manifesta na relação do corpo presente do ator/atriz e o público. Narrativas são elaboradas, concebidas numa escrita cênica a ser lida e decifrada. Torna-se importante salientar: imagens são criadas e mediadas em tempo presente do encontro de corpos. O corpo do ator/atriz é um dos principais suportes dessa

arte compreendendo-se como *corpomídia*, isto significa o corpo como um conceptáculo que recebe informações infindavelmente através de mecanismos preceptivos e proprioceptivos onde seu dentro e seu fora se conectam mutuamente em processos cognitivos na relação de comunicação com seu contexto, com a arte e com o mundo. (Greiner, Katz, 2005).

Gayman foi muito sagaz em observar essa força da Mídia e compreendê-la como uma deusa. Uma atitude hermética se firma em sua obra e no mundo contemporâneo, a plenitude de uma Deusa cultuada entre nós. Em busca de fortalecer e encontrar mais adeptos, Mídia, arquitetou um plano. A deusa precisava que cada vez mais o mundo mortal se voltasse para as tecnologias e que seu contato fosse unicamente através delas. Mídia desceu ao mundo sombrio a procura do deus da morte, Tântatos. Ofereceu a ele a possibilidade de um acordo. Se o Deus da morte lançasse sobre o mundo dos mortais uma praga que impedisse o contato humano, ao mesmo tempo que atingisse a vitalidade de muitos, ela se fortaleceria e ele poderia também se fortalecer, trazendo para o mundo dos mortos novas almas, assim como, o medo da morte. A morte seria uma companhia diária dos humanos. Inclusive através das mídias: *Fake News*, obituários, dados estatísticos, ou seja, a morte sempre presente. Tântatos aceitou o acordo com Mídia.

E foi assim que Tântatos lançou no mundo a Covid-19. Trazendo dor, sofrimento, morte, isolamento social e fortalecendo as tecnologias midiáticas, transformando corpos em imagens digitais. Desta forma, a iconofagia tornou-se ainda mais potente nas relações humanas. E quase que única forma de relação.

O uso de tecnologias em espetáculos não é algo novo. Inclusive o uso de plataformas digitais da comunicação já foi explorado em concepção de diversas cenas. Conjuntamente, manuseadas para um encontro, uma mediação e uma devoração com público presente. Devoração posto que o Teatro é uma arte antropofágica em sua natureza substancial, imagética e imaginária, ou seja, sua

perspectiva antropofágica dos processos criativos experimenta, portanto, uma multiplicidade de possibilidades para a criação como acontecimento apropriativo de impulsos, instintos, forças, intensidades, desejos, devires, fluxos de linguagens, como componentes de processo criativos, de invenção, de composição, cujas componentes heterogenéticas, produtoras de diferença, de alteridade, de diversidade, são incorporadas singularmente a partir de um estilo próprio, resultante de uma boa digestão do que foi devorado no processo criativo. (Mello, 2021, não p)

A antropofagia está presente desde o processo criativo até a concepção cênica. Sua configuração material cênica que, levada para a audiência do público, promove devorações mútuas: imagens e atores devoram o público e conseqüentemente são devorados por eles. Todavia, perante essa situação pandêmica e a instauração compulsória do isolamento social, a arte do corpo presente se vê impedida por uma força trágica de se manifestar. E o buraco negro do mundo virtual sugou o teatro para dentro si. Ou foi o Teatro que sugou para dentro de si o mundo virtual?

OS ENCONTROS NA ENCRUZILHADA

A vida e a morte se cruzam inevitavelmente. Com a iminência da morte do Teatro presente, é urgente colocá-lo em uma unidade de tratamento intensivo: *Instagram, Facebook, Youtube, Zoom, Google Meet*. Tornam-se cilindros de oxigênio emanando a vida do Teatro *on-line*. O Teatro *on-line* impera, nesse período, como resistência de uma arte ancestral. Uma resposta dos cultuadores do deus Dionísio. Assim, a necessidade do Teatro de devorar e ser devorado resiste. De antropofágica a mediação torna-se iconofágica, e aqui, é o lugar central de investigação. Dionísio resistindo à Mídia. Uma guerra de narrativas é instaurada.

Segundo Baitello Junior (2000), “no desgaste e na perda da capacidade de vincular, relacionar é que se dá a inversão do processo devorador: de devoradores indiscriminados de imagens passamos a ser indiscriminadamente devorados por elas” (p. 06), ao serem impedidos de mediar sua arte por meio de corporeidades presentes, os artistas migram para a mediação por meio de mecanismos digitais. Os artistas que produzem Teatro *on-line*, assim como aqueles que o consomem, configuram a ilusão de estar devorando uns aos outros e saciando sua fome, sendo que nessa circunstância parecem estar sendo devorados pela própria imagem no ato de produzi-la. Do mesmo modo que, quando essa imagem é disponibilizada nas plataformas digitais e acessada pelo público/seguidores também é consumida. Afirma o autor:

Assim, a ancestral antropofagia (Dionísio) se universaliza como moderna “iconofagia” (Mídia). Os mecanismos do consumo e a comunicação e seus meios a serviço do consumo fazem parte deste quadro fóbico, no qual as imagens e seus subterrâneos se hipertrofiaram, se devoram e nos devoram. (Baitello Junior, 2005, p. 12).

E aqui mais uma questão se instaura para uma futura reflexão: seria a iconofagia o espírito do século XXI? Talvez não o espírito, mas uma força endeusada e personificada

em nosso tempo. Fato é, que o advento da pandemia pegou todos de surpresa, algo muito inesperado. Segue abaixo um depoimento:

Eu estava viajando com um solo meu, Todos os Sonhos do Mundo. Eu saí de Cuiabá, fui para Foz do Iguaçu e a pandemia estourou. Voltei para São Paulo e tivemos que também fechar o teatro, porque já se avizinhava o isolamento. O que aconteceu foi que a gente se recusou a parar. Dia 20 de março estreei o Todos os Sonhos em live no Instagram. Foi surpreendente o que aconteceu, porque, além de ter recebido um público muito bacana, fomos procurados pela Sympla, que nos convidou para levar a peça para lá. Acharmos meio absurdo no início, mas assim que nos aproximamos, surgiu a ideia de migrar a peça para lá e também pensar em um conteúdo especialmente pela internet. No começo de abril, já começamos a ensaiar pro (sic) Zoom. A gente descobriu um novo lugar para poder trabalhar o teatro, a música, as artes em geral. Não acho que essa ideia seja exatamente nova, porque o teatro sempre caminhou junto com a sociedade. O teatro nasce de manifestações na rua, ganha um espaço depois, mas continua na rua, vai pras (sic) igrejas, palácios, hospitais, escolas. O teatro foi atingindo todos os lugares que ele podia atingir, então era inevitável que a gente chegasse à internet – conta Cabral. (Paulin; Foster, 2022)

Os lugares de emancipação da cultura através da arte no Brasil são marcados por conflitos políticos, sociais e econômicos. O depoimento acima de um ator do grupo paulista “Os Satyros” confirma que aos artistas em geral é sempre imposto um lugar de resistência dionisíaca. Com o advento da pandemia, o setor cultural que já vinha sofrendo violentos ataques desde o processo de *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff em 2015, é devastado pela necessidade do isolamento social.

CONCLUSÃO

E novamente a chaga da resistência pulsa em sua agonia. O Teatro, uma arte que desde seus primórdios é condicionada à presença do público, ou seja, um encontro de corpos que compartilham o mesmo ar respirado, o espaço e o tempo, que interagem através de mecanismos comunicacionais perceptivos, imagéticos, simbólicos e significativos, é contaminado. No meio desse caos ascende o Teatro *On-line*. Um Teatro pandêmico, imagem digital, um teatro de números binários codificados. Um cavalo de Tróia dionisíaco numa guerra. Uma discussão entre os artistas teatrais se forma: É teatro?

De alguma maneira essas hierarquias excludentes do teatro brasileiro puderam ser tensionadas e conseguiram abrir novas possibilidades de acesso à arte e principalmente de troca e escuta entre os artistas. Naquele momento, crítico, de isolamento social, os artistas se tornam cada vez mais necessários à população, pois “o teatro também acaba sendo um bom antídoto para a solidão de muitas pessoas em quarentena. Um exemplo são as *lives* de contação de histórias, conduzidas por artistas que atuaram em séries e filmes de sucesso.” (Silva, 2020).

O contato com o teatro, mesmo de forma *on-line*, possibilitou o surgimento de um novo público para as artes cênicas. O consumo surge como uma potência nesse processo. O Teatro é arte e possui uma capa diáfana de sublimidade. Compreender Teatro como um produto de consumo custa caro ao coração dos artistas. Produto de consumo parece menosprezar todo o movimento espiritual e ritualístico na constituição da obra artística e sua mediação. Consumo fere a aura da obra e do artista.

No entanto, Teatro é um produto de consumo. Nas últimas décadas o esvaziamento do teatro promovido pela ascensão da televisão, do cinema, do *streaming*, causou danos financeiros aos artistas e incontáveis projetos de formação de público para o Teatro foram colocados em prática de forma desesperada, com resultados insatisfatórios. Os teatros continuavam com crise de público, com exceção de alguns espetáculos com artistas privilegiados por alguns meios publicitários ou audiovisuais. A repercussão da iconofagia já estava preponderando na cultura artística perante a antropofagia.

Dionísio trabalhava incansavelmente influenciando e dando forças imaginárias aos seus adeptos para a resistência. A resistência de uma guerra em que ele nunca quis estar. Em meio a seus afazeres, um velho, adentrou seu reino, pedindo uma audiência com o grande Deus. Dionísio negou. Mas o velho era incansável. Continuou ali, diariamente suplicando dentro de sua bondade e resiliência para ver Dionísio.

Dionísio em suas ocupações e tentando fomentar sua prole negou a presença desse velho. Mas o velho foi insistente, e insistente, cada vez mais insistente. Não sairia dos reinos de Dionísio sem falar com ele. Cansado pela insistência Dionísio recebeu o velho.

Ao ver o velho, Dionísio paralisou, lágrimas escorriam de seus olhos. E de joelhos beijou os pés desse velho. Omolu esclareceu a Dionísio que traria a cura, mas que seria lenta. Perante as forças que estavam em jogo. Dionísio abraçou Omolu com lágrimas de gratidão. Questionou o quanto isso lhe custaria. E Omolú, em sua sabedoria ancestral afirmou: nada.

Pois a arte é vida. A arte cura. A arte transforma. Que eles estavam ligados por laços que Dionísio jamais entendeu. A cura foi lançada. Tânatos ao saber que Omolu intercedeu por Dionísio desfez seu trato com Mídia e a alertou. Esclareceu que as forças dos Deuses Africanos são forças da criação do universo. As quais jamais, qualquer deus poderia combater. Mídia silenciou raivosamente. A Covid-19 perdeu forças e a antropofagia venceu, por hora, a iconofagia.

REFERÊNCIAS

GREINER, Christine. KATZ, Helena. **Por uma Teoria do Corpomídia ou a Questão Epistemológica do Corpo**. Archivo Artea – Artes Vivas Artes Escênicas. 2005. Disponível em: <http://arquivoartea.uclm.es/> Acesso: 23 ago. 2023.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **As imagens que nos devoram: Antropofagia e Iconofagia**. Centro interdisciplinar da Semiótica da Cultura e da Mídia – CSIC. 2000. Disponível em: <https://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/view.download/7/5.html> Acesso: 22 mar. 2024.

JUNIOR, Norval Baitello. **As núpcias entre o nada e a máquina – algumas notas sobre a era da imagem em lugar do corpo**. Centro interdisciplinar da Semiótica da Cultura e da Mídia – CSIC. 2005. Disponível em: <https://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/7-baitello-junior-norval/89-as-nupcias-entre-o-nada-e-a-maquina-algumas-notas-sobre-a-era-da-imagem-em-lugar-do-corpo.html> Acesso: 18 ago. 2023.

MELLO, Ivan Maia de. **A Perspectiva Antropofágica dos Processos Criativos**. XVII Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Site: enecult.ufba.br, 2021. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132423.pdf> Acesso: 22 ago. 2023.

PAOLIN, Bruna. FOSTER, Gustavo. **Os bastidores do Teatro on-line: novas possibilidades de criação e produção surgem durante o isolamento social**. Disponível em: noitedosmuseus.com.br, 2022. Disponível em: <https://noitedosmuseus.com.br/especial-os-bastidores-do-teatro-online-novas-possibilidades-de-criacao-e-producao-surgem-durante-o-isolamento-social/> Acesso: 26 ago. 2023.

SILVA, Samantha Nascimento. **Teatro e pandemia: novas possibilidades de existência para os palcos**. Site: eca.usp.br, 2020. Disponível em: URL: <https://encurtador.com.br/alEG5>. Acesso: 08 abr. 2024.